

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**GALEROSOS E GALERITOS: O COTIDIANO DE MANAUS**  
**SOB A ÓTICA DO GROTESCO**

*Uma análise da seção Boletim de Ocorrências do jornal*  
*Maskate*

**BRASÍLIA**  
**2012**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**GALEROSOS E GALERITOS: O COTIDIANO DE MANAUS**  
**SOB A ÓTICA DO GROTESCO**

*Uma análise da seção Boletim de Ocorrências do jornal*  
*Maskate*

**PEDRO MACEDO DUPRAT DE BRITTO PEREIRA**

*Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da*  
*Faculdade de Comunicação da Universidade de*  
*Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau*  
*de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da*  
*Professora Delcia Vidal*

**BRASÍLIA**  
**2012**

**BANCA EXAMINADORA**

<b>Membros da banca</b>	<b>Assinatura</b>
<b>Professora orientadora</b> Dra. Delcia Maria de Mattos Vidal	
<b>Professor convidado</b> Dr. David Renault da Silva	
<b>Professora convidada</b> Dra. Katia Couto Belisario	
<b>Professora convidada suplente</b>	
<b>Menção final</b>	

**Brasília, 22 de novembro de 2012**

## **AGRADECIMENTOS**

**A todas as pessoas que me ajudaram neste trabalho**

## **Resumo**

Este trabalho pretende oferecer uma análise das relações entre o jornalismo feito na seção *Boletim de Ocorrência* do jornal de Manaus (AM) *Maskate* e os mecanismos de humor e da construção do imaginário. Os textos publicados neste jornal não se distanciam dos fatos, mas tampouco se comprometem a relatá-los de forma fidedigna. No caso, os diversos acontecimentos são o pano de fundo para a construção de um discurso onde a realidade é mais grotesca e, ao mesmo tempo mais engraçada.

Palavras-chave: Jornalismo popular, humor, grotesco, mitologia

## **Abstract**

This work is intended to offer an analysis of the relationship between the journalism done in the *Boletim de Ocorrência* section of the Manaus based newspaper *Maskate* and the mechanisms that make humor and the construction of the imaginary possible. The texts published in this newspaper won't distance themselves from facts, but also don't have the commitment to narrate them in a trusted way. The many events are only a excuse to build a discourse where the reality is more grotesque, albeit more funny.

Key-words: popular journalism, humor, grotesque, mithology

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação</b> .....	07
<b>2. Metodologia</b> .....	08
<b>3. O Riso e o mito</b> .....	09
3.1. O riso e a mente .....	09
3.2. O cômico e o mito .....	12
<b>4. O Jornalismo e o mito</b> .....	17
4.1. O cômico e o jornalismo .....	17
4.2. O grotesco e o jornalismo .....	19
<b>5. História do jornalismo popular</b> .....	22
<b>6. O Maskate</b> .....	26
<b>7. Análises das matérias do Maskate</b> .....	32
<b>8. Considerações Finais</b> .....	42
<b>9. Referências bibliográficas</b> .....	44
<b>10. Anexos</b> .....	46

## 1. APRESENTAÇÃO

O tema deste trabalho é a relação entre o jornalismo feito pelo diário manauara *Maskate*, em especial a seção *Boletim de Ocorrência*, e o humor e o imaginário, à luz da produção e reprodução de uma mitologia, em especial a relacionada ao grotesco. Essa pesquisa se justifica porque a relação entre os textos feitos, a ótica mítica de um mundo grotesco, o próprio humor centrado no Schadenfreude pode levar a um entendimento maior sobre o humor dentro do próprio jornalismo. As contribuições feitas por esse trabalho podem levar também a entender melhor o funcionamento das diversas relações entre o sensacionalismo, a pobreza, a violência urbana, o humor, o mito e o grotesco.

Nesse trabalho, o objetivo geral foi entender como o humor e o grotesco são parte de um mesmo eixo nas matérias do *Boletim de Ocorrência*. Já entre os objetivos específicos, temos:

- Identificar as relações entre humor, mente e mito;
- Identificar a relação entre o mito e o grotesco;
- Identificar as relações entre o grotesco e o jornalismo popular;
- Identificar os mecanismos que permitem o uso do grotesco no próprio *Maskate*

Assim, na parte **O Riso e a Mente**, são tratadas as relações entre o humor e a mente humana, ou o que nos faz rir e por que rimos. Na parte **O Cômico e o Mito**, as relações entre os mecanismos da mente e o mito, ou as explicações psicanalíticas para o surgimento das mitologias e a estrutura do mito, são abordadas. Em **O Cômico e o Jornalismo**, trato do humor dentro do jornalismo, focando no sensacionalismo, além de definir o que é o jornalismo popular. Em **O Grotesco e o Jornalismo**, o uso do grotesco no jornalismo popular como forma de engenharia social é abordado. **A História do Jornalismo Popular** conta um breve histórico da imprensa popular. Em **O Maskate**, há primeiro uma análise mais superficial do jornal e da seção *Boletim de Ocorrências* e depois uma análise mais aprofundada de algumas matérias selecionadas. A **Conclusão** traz as considerações finais sobre esse estudo e, por fim, há as referências bibliográficas.

## 2. METODOLOGIA

Neste trabalho, foram estudadas as relações entre as estruturas mentais do riso, explicitadas por Freud, a relação entre o mito e a mente, com Jung, o imaginário, com Kolakowski e Barthes, o risível e o grotesco, com Propp e Bakhtin, as particularidades do jornalismo popular, e o noticiário da seção “Boletim de Ocorrência” do jornal de Manaus O Maskate.

Para estudar essas relações, foram separadas algumas notícias veiculadas pelo jornal, veiculadas entre abril de 2010 e março de 2012. De cada mês, foram usadas duas notas veiculadas. Nem todas foram objeto de análises mais aprofundadas, destrinchando apenas os arquétipos básicos encontrados. As mais interessantes foram objeto de análise mais aprofundada. No estudo do que foi produzido pela publicação, foram usados os conceitos de carnavalização, mito (na acepção de Barthes e Kolakowski) e grotesco. Também foi preparada uma breve história do jornalismo popular. Como Koppin colocou, “Todo método atua sob a forma de aplicação de certo sistema racional a diversos objetos no processo da atividade teórica e prática do sujeito” (KOPPIN, 1978, p.92). Assim, investiguei no trabalho a resignificação do real pelas matérias do Maskate sob o prisma da mitologia e do grotesco.

A abordagem da pesquisa foi indutiva, pois sai de dados particulares (as matérias do *Maskate*) para chegar a um entendimento geral. A pesquisa bibliográfica foi a fonte de informação inicial, com fontes secundárias, como livros e sites que tratam de mito, grotesco, humor e jornalismo popular. Posteriormente, houve coleta de material empírico entre abril de 2010 e março de 2012, em um total de 25 matérias. Dessa consulta fizeram parte fontes primárias, das quais constam os documentos que geraram análises para posterior criação de informações, e fontes secundárias, constando as obras nas quais as informações já foram elaboradas (livros). Os subsídios também foram coletados, via internet junto a sites.



### 3. O RISO E O MITO

#### 3.1. O riso e a mente

Porque rimos e o que nos faz rir? Alguns autores já se fizeram essa pergunta e tentaram separar o risível do ato de rir. Mas, segundo Propp em seu livro “Comichidade e Riso, “não é possível estudar o problema da comichidade fora da psicologia do riso e da percepção do cômico” (PROPP, 1992, p.27)<sup>1</sup>. Para Propp, o riso ocorre quando há um objeto ridículo e um sujeito que ri, mas “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p.32). Outro ponto tocado por ele é o aspecto do ridículo. “O cômico sempre, direta ou indiretamente, está ligado ao homem” (PROPP, 1992, p.38). O autor explica que mesmo a natureza inorgânica, que não teria nada de ridículo, pode ser objeto de riso, caso tenha alguma semelhança com características humanas. Mas falta definir o ridículo. Propp divide os fenômenos humanos em duas ordens: a espiritual e a física, ou no que é *ouvido* e no que é *visto*.

Esse deslocamento, ou obscurecimento, ocorre de modo inesperado, mas ao mesmo tempo é preparado ainda que muito imperceptivelmente. Na consciência verifica-se uma espécie de salto. Porém, o salto é uma manifestação súbita no exterior de um processo, que inadvertidamente se preparava no interior. (PROPP, 1992, p.42).

Propp explica que o riso vem da percepção repentina de defeitos, do deslocamento do espiritual para o físico. “O riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente” (PROPP, 1992, p.44). Mas o *físico* e o *espiritual* nunca estão sozinhos, já que o ser humano apresenta as duas dimensões. Propp dá o exemplo dos gordos. Um gordo entalado numa porta pode ser engraçado, mas Balzac, que era um homem corpulento, não era engraçado por causa da sua força espiritual. Assim como um obeso na sala do médico, reduzido ao mais puro físico, não é engraçado, já que o aspecto físico não tem relação nenhuma com o espiritual. O riso surge quando esses dois aspectos, físico e espiritual, se entrelaçam.

Nos primeiros anos da revolução (Russa) os popes, os burgueses, os proprietários de terra e os policiais eram sempre

representados por gordos. A obesidade representava a insignificância de quem se achava pai espiritual, de quem se considerava acima de todos os outros. Neste caso o efeito cômico é usado para fins satíricos: uma barriga avantajada decorrente de uma vida preguiçosa e forte às custas daqueles que tinham que passar fome e trabalhar para os outros. O prazer do riso é intensificado pelo fato de que esse parasitismo chegou ao fim. O riso é uma arma de destruição em massa: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio (PROPP, 1992, p.46).

Esse é um exemplo dado pelo autor, que vê o riso na representação do físico, do defeituoso quando este é usado para mostrar deficiências espirituais.

Por si só o corpo humano não tem nada de ridículo. Basta porém que um homem desnudo ou mesmo um homem em cujo o traje haja algo de errado apareça no meio de pessoas corretamente vestidas, e que não pensam em seu próprio corpo, que logo surge a possibilidade de riso. A causa do riso é a mesma: o princípio físico que obscurece o princípio espiritual. (PROPP, 1992, p.47).

A comicidade, segundo Propp, também pode vir da semelhança. De novo, reduzindo a importância do *espiritual*. “Qualquer repetição de qualquer ato espiritual priva este ato de seu caráter criativo ou de qualquer caráter significativo em geral. Reduz a sua importância e por isso mesmo pode torná-lo ridículo” (PROPP, 1992, p.58). Mas nem tudo que não é sublime é cômico. “Cômicos justamente são os defeitos, mas somente aqueles que cuja a existência e aspecto não nos ofendam e não nos revoltem, e ao mesmo tempo não suscitem piedade ou compaixão” (PROPP, 1992, p.60).

Outro formalista russo também tratou do cômico. Bakhtin, em seu livro “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”, tratou do conceito de “carnavalização”, que pode ser resumido em “catarse pelo cômico”. Centrado no humor da idade média e do renascimento, Bakhtin vê um desprendimento da solenidade eclesiástica e feudal.

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro de sua diversidade, essas formas e manifestações - as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. - possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, uma e indivisível. (BAKHTIN, 2008, pp. 3 e 4).

Parte dessa vida carnavalesca era o uso de uma linguagem grosseira e *próxima*. “Quando duas pessoas criam vínculos de amizade, a distância que as separa diminui (estão em ‘pé de igualdade’) e as formas de comunicação verbal mudam completamente”. (BAKHTIN, 2008, p. 14). No caso, a grosseria é também uma linguagem de *proximidade*.

Do ponto de vista gramatical e semântico, as grosserias estão normalmente isoladas no contexto da linguagem e são consideradas fórmulas fixas do mesmo tipo dos provérbios. Portanto, pode-se afirmar que as grosserias são um gênero verbal particular da linguagem familiar. Pela sua origem, elas não são homogêneas e tiveram diversas funções na comunicação primitiva, essencialmente de caráter mágico e encantatório (BAKHTIN, 2008, p.15).

Outro ponto importante apontado por Bakhtin é o uso de imagens de corpos grotescos. A deformação, no que ele chamou de *realismo grotesco*, é a celebração do ser humano. “No realismo grotesco, o elemento material e corporal é um princípio profundamente positivo, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. O princípio material e corporal é percebido como universal e popular, e como tal opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo”. (BAKHTIN, 2008, p.17). A degradação adquire outro sentido, de elevar pelo rebaixamento, de regenerar, de apresentar um renascimento.

Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor (BAKHTIN, 2008, p.19).

Aí, o cômico, o grotesco adquire um matiz de libertação dos grilhões, de comunhão com a comunidade em que se vive e com a própria humanidade.

Outro que tratou do riso foi Freud. Sua vertente psicanalítica encontrou explicação nos sonhos para os mecanismos do riso. De acordo com o seu livro “O Chiste e Suas Relações com o Inconsciente”, que trata de explicar o mecanismo das piadas, tanto os sonhos quanto os chistes vêm da chamada “elaboração onírica”, ou “toda a soma de processos transformadores que convertem os pensamentos oníricos latentes em sonho manifesto.”

(FREUD, 2006, p.110) que tem três funções: a condensação, o deslocamento e a transformação encaminhada a facilitar a representação.

Constatamos que as características e efeitos dos chistes conectam-se com certas formas de expressão ou métodos técnicos, entre os quais os mais surpreendentes são a condensação, o deslocamento e a representação indireta. Processos, entretanto, que levam aos mesmos resultados - condensação, deslocamento e representação indireta - foram por nós reconhecidos como peculiaridades da elaboração onírica. Não sugerirá essa concordância a conclusão de que a elaboração do chiste e a elaboração onírica devem ser idênticas, pelo menos em alguns aspectos essenciais? (FREUD, 2006, p.113).

Segundo ele, o processo de formação do chiste na pessoa que enuncia é “um pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente” (FREUD, 2006, p.113). Freud enumera o sonho e o chiste como formas de catarse, ou uma economia de gasto psíquico.

O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento. Em todos os três modos de trabalho do nosso aparato mental o prazer derivava de uma economia. (FREUD, 2006, p.161).

Também sobre os sonhos, Freud enuncia que o desejo de sonhar é o desejo de se libertar da censura.

A tarefa da formação do sonho é, acima de tudo, superar a inibição da censura e precisamente esta tarefa é resolvida pelos deslocamentos de energia psíquica dentro do material dos pensamentos oníricos. (FREUD, 2006, p.113).

O chiste, segundo Freud, precisa de três pessoas: uma para enunciar, outra para escutar e uma terceira para ser o alvo. Mas o chiste é apenas uma espécie de cômico.

Pode contentar-se com duas pessoas: a primeira que constata o cômico e a segunda, em quem se constata. A terceira pessoa, a quem se conta a coisa cômica, intensifica o processo, mas nada lhe acrescenta. (FREUD, 2006, p.123).

### **3.2. O cômico e o mito**

Utilizando conceitos de outro psicanalista, Jung, talvez a relação entre inconsciente e riso seja um pouco mais profunda que o uso da nossa mente da elaboração onírica proposta por Freud para ambos. No caso, Jung propõe que as imagens elaboradas na mente durante o sono são compartilhadas pelos seres humanos, resquício de um pré-desenvolvimento psíquico imemorial. Sonhamos em arquétipos e esses mesmos sonhos são a base para a mitologia. Tratando do arquétipo do herói salvador que é devorado por um monstro e ressurgem milagrosamente, ele diz que

De onde e quando este motivo surgiu, ninguém sabe. E tampouco sabemos de que maneira conduzir a investigação desse assunto. A única certeza aparente é que este motivo parece ter sido conhecido tradicionalmente em cada geração, que por sua vez o recebeu de gerações precedentes. Assim, podemos supor, sem risco de erro, que a sua 'origem' vem de um período em que o homem ainda não sabia que possuía o mito do herói; numa época em que nem mesmo refletia, de maneira consciente, naquilo que dizia. A figura do herói é um arquétipo, que existe há tempos imemoriais. (JUNG, 1964, p.72).

Esses são os mesmos *resíduos arcaicos* apontados por Freud, heranças do espírito humano. E os mitos vêm dessa herança. “A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocaram nos ouvintes” (JUNG, 1964, p.90). Esses antigos mitos e as suas representações são hoje peças de museu ou curiosidades históricas. Mas os arquétipos que exprimiam ainda existem. Esses arquétipos, ou “tendências para formar mesmas representações por um motivo” (JUNG, 1964, p.67), mesmo com uma infinita variação de detalhes, não perdem a configuração original.

Se a pessoa que os sonhou fosse o feiticeiro de alguma tribo primitiva, podia-se supor que representassem variações sobre os temas filosóficos da morte, da ressurreição ou restituição, da origem do mundo, da criação do homem e da relatividade de valores (JUNG, 1964, p. 74).

A comparação do conceito de inconsciente coletivo, com os milhares de arquétipos ancestrais presentes na mente, com a elaboração de piadas e o mecanismo do riso e com o que é risível talvez possibilite uma ligação da consciência mítica com o que achamos digno de riso. O mito poderia nos levar ao riso.

Mas o que é um mito? Segundo o filósofo francês Roland Barthes, o mito é uma *fala*. “Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito” (BARTHES, 2003, p.131). E, como o mito é uma fala, tudo pode ser um mito. E, como a fala é uma mensagem, realmente tudo pode ser um mito. “O discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isto pode servir de suporte à fala mítica” (BARTHES, 2003, p. 132). No caso, o mito é uma matéria já trabalhada, que se reduz à pura função do significante.

O mito apenas considera uma totalidade de signos, um signo global, o termo final de uma primeira cadeia semiológica. E é precisamente esse termo final que vai transformar-se em primeiro termo ou termo parcial do sistema aumentado que ele constrói. (BARTHES, 2003, p.136).

O mito, segundo Barthes, é um *parasita*, que transforma a significação numa coisa vazia. “O sentido perde o seu valor, mas conserva a vida, que vai alimentar a forma do mito. O sentido passa a ser para a forma como uma reserva instantânea de história, como uma riqueza submissa, que é possível aproximar e afastar numa espécie de alternância... É este interessante jogo de esconde-esconde entre o sentido e a forma que define o mito” (BARTHES, 2003, p.140). O mito retira a história, “retira a memória, mas não a existência” (BARTHES, 2003, p. 144). E transforma uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade. O mito, que transforma sentido em forma, é, segundo Barthes, um roubo de linguagem. “Quando o sentido está repleto e o mito não pode invadi-lo, transforma e rouba-o totalmente” (BARTHES, 2003, p 153).

Vale lembrar que a definição de Barthes leva em conta a época contemporânea, ele liga o mito à lenda, à mentira. De qualquer forma, a sua definição não é a única existente. Ernst Cassirer tem outra definição:

São um meio de comunicação que se desenvolveu simultaneamente com a linguagem comum de nossos antepassados. Um dos traços distintivos dessa linguagem é que ela não se refere a uma realidade objetiva. Ela se refere a uma realidade interna, abstrata, conceitual ou emocional (invisível), pois o que ela tenta descrever aquilo que não pode ser conhecido ou nomeado de maneira comum: a experiência

mística de Deus ou Deuses. Ela é uma linguagem de símbolos e metáforas, uma linguagem de correspondências, não de referências. (CASSIRER, 2000, p. 85)

Tanto Barthes como Cassirer concordam que o mito tem um caráter lacunar.

A mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o que não desaparecerá enquanto a linguagem e o pensamento não se superpuserem completamente: o que nunca será o caso. Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual. (CASSIRER, 2000, p.19)

Mas Barthes considera que o mito preenche uma lacuna enquanto Cassirer acredita que o mito é a própria lacuna.

A pergunta se volta à necessidade do mito. Por que nos enganamos com mitos? Segundo o filósofo polonês Leszek Kolakowski, o mito existe para dar sentido a uma realidade que não tem nenhum sentido. Um mundo sem mito é

Um mundo condenado a não poder chegar a ser nunca, no sentido genuíno, um mundo, um mundo incuravelmente preenchido pela singularidade do factum contingente, além da qual levam-nos, sem dúvida, a linguagem e o pensamento indutivo, mas sem poder aduzir fundamento algum nesse sentido. (KOLAKOWSKI, 1972, p.59).

O homem se apega ao mito para tentar escapar de um mundo indiferente, ao mesmo tempo que tenta dar sentido à esse mundo.

O projeto mítico, que exige uma resposta à pergunta acerca da contingência do ser, tem sua raiz, que se regenera continuamente, na rota elementar do homem rumo a sua própria situação. É a tentativa de enfrentar ou de superar a experiência da própria heterogeneidade frente ao mundo. (KOLAKOWSKI, 1972, p. 63)

A natureza é indiferente ao sofrimento do homem, então o homem cria um sentido mitológico para explicar a si mesmo e buscar conforto.

De fato, a experiência da indiferença do mundo nos coloca diante da seguinte alternativa: ou conseguimos superar o alheamento das coisas organizando-as no mito, ou encobrimos essa experiência em um complicado sistema de instituições que desgasta a vida no caráter factual do cotidiano (KOLAKOWSKI, 1972, p. 72).

A necessidade humana de um mundo que faz sentido, de uma tautologia, torna o mito necessário. O próprio Kolakowski diz que qualquer conhecimento sem efeito prático (como fazer um fogo ou voar) é um conhecimento mítico, que se presta apenas para a produção de sentido. O cômico, como disse Bakhtin, se presta a essa construção de sentido. O uso de figuras grotescas cria esse sentido de proximidade com a terra, com o nascimento e a morte, dão sentido aos diversos ciclos da vida. Rimos da nossa realidade depois que ela passa pelo filtro do imaginário.



## 4. O JORNALISMO E O MITO

### 4.1. O cômico e o jornalismo

Mas como o cômico, o mito e o sonho estão ligados ao jornalismo, especialmente ao popular? Primeiro seria interessante definir o que é o jornalismo popular. O mundo é menos interessante do que nós queremos e ainda menos interessante se consideradas as necessidades de notícias no jornalismo. Como Pierre Bordieu uma vez escreveu “os jornais devem oferecer cotidianamente o extra-cotidiano” (BORDIEU, 1997, p.26). A frase resume a necessidade, as vezes múltiplas vezes ao dia, de oferecer algo que gere interesse dentro da rotina.

Os jornais ditos populares são parte do jornalismo desde o final do século XIX. Com a publicação dos diários New York World, de Joseph Pulitzer, e do New York Journal, de William Randolph Hearst, a “concorrência pela clientela passa a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade, isto é, pelas notícias mais novas” (BOORSTIN, 1971, p.4). Além disso, esses jornais se distanciam do que é considerado público, preferindo o singular. Mas como defini-los?

Amaral define muito pelos assuntos das páginas: “Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados; o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo” (AMARAL, 2006 p.57) Nesse caso, a cobertura tende a ir para o singular. Amaral também aponta traços da cultura oral nesse tipo de jornalismo como o “espírito lúdico” da “cultura de almanaque” (idem) e a escrita engraçada estaria dentro desse espírito.

Gomes tem uma outra definição, mas chama a atenção para a questão da classe social:

O “jornal popular” pertence à grande imprensa, mas se dirige ao chamado “povão”, tem sua principal fonte de recurso na venda avulsa e quase não possui assinaturas. Sua primeira página atém-se somente ao inesperado, sensacional, inédito; busca o interesse imediato do leitor e visa criar empatia com este. Para ele, vale tudo para vender: sexo, esporte, crime. Tem muito título, fotos grandes e pouco texto.” (GOMES 1990, p.55).

Uma característica que é muito destacada ao definir esse tipo de veículo é o sensacionalismo. Patias descreve em seu artigo “O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista: uma análise do “Brasil Urgente”.

Programas televisivos que pendem para o sensacionalismo. Ou que “não se presta a informar, mas puramente satisfazer as necessidades instintivas do público por meio de formas sádicas e espetaculares, expondo pessoas ao ridículo. (PATIAS 2006, p. 82).

Segundo Patias, o gênero tem algumas características peculiares, como o estilo, a linguagem chocante, o apelo irracional, a forma, a busca do *fait divers*, o uso da ficção. Sobre a linguagem, foco desse trabalho, ele também escreve que é simplificada.

Serve para fortalecer a fusão entre o público com a história relatada. Procura legitimidade através da coloquialidade, do emprego do palavrão e da gíria, como se isso caracterizasse p seu engajamento com os interesses, gostos e expectativas populares. (PATIAS, 2006, p.98).

Outro ponto que ele toca é o retrato feito por essa linguagem, que ao mesmo tempo se identifica com o discurso do pobre e o retrata como violento e potencial criminoso.

Essas definições apontam ao conceito de *fait divers*, proposto pelo filósofo Roland Barthes. Segundo Barthes, o *fait divers* é uma “informação total, ou mais exatamente, imanente; ela contém em si todo o seu saber. Não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*” (BARTHES, 2003, p 57). Ele resumiu na frase “Eis um assassinato: se é político, é informação, se não o é, é uma notícia”. (BARTHES, 2003, p.57) Barthes apontou duas relações no *fait divers*: casualidade e coincidência. Dentro da casualidade, ele chama a atenção para algumas das características do *fait divers*: poderosos estereótipos, perturbação da casualidade, espanto, inexplicável, casualidade decepcionada. Resumindo, “pequenas causas, grandes efeitos” (Idem). Vale destacar três características: poderosos estereótipos, casualidade decepcionada e o inexplicável. Primeiro os estereótipos: dependendo dos personagens, são esperados certos comportamentos. No cotidiano, é esperada uma certa casualidade, que esses estereótipos fazem parte. Mas esses estereótipos levam a casualidade a conter “já um germe de degradação; como se a casualidade não pudesse ser

consumida senão quando começa a apodrecer, a desfazer-se” (BARTHES, 2003, p. 60). A casualidade decepcionada é uma perturbação do que é esperado. Um exemplo é “homem mata mulher. Porque, amante? Não, gosto musical diferente”. Essa decepção torna a casualidade muito mais notável. Já o inexplicável está ligado ou ao sobrenatural, o do senso comum, não o da ciência, ou aos crimes misteriosos. Mas os crimes obrigam os fait divers a se estenderem. Mas o crime misterioso pode matar o fait divers se não se achar a causa. “Um crime sem causa é um crime que se esquece: o fait divers desaparece então, precisamente porque, na realidade, sua relação fundamental se extenua” (BARTHES, 2003, p; 62). Outra relação é a de coincidência, aonde o fait divers aproxima dois termos distantes.

E como a distância original dos percursos é espontaneamente sentida como uma relação de contrariedade, aproximamo-nos aqui de uma figura de retórica fundamental no discurso de nossa civilização: a antítese. (BARTHES, 2003 p. 64).

Barthes indica a proximidade do fait divers com o lado irracional da mente. “O fait divers é uma arte de massa: seu papel é, ao que parece, preservar no seio da sociedade contemporânea a ambiguidade do racional e do irracional (BARTHES, 2003, p 67). Ele liga aí o fait divers ao imaginário, à consciência mítica.

Essa ambigüidade é historicamente necessária, na medida em que o homem precisa ainda de signos (o que o tranqüiliza), mas também na medida em que esses signos são de conteúdo incerto (o que o irresponsabiliza): ele pode assim apoiar-se, através do fait divers, sobre uma certa cultura; mas, ao mesmo tempo, pode encher in extremis essa cultura de natureza, já que o sentido que ele dá à concomitância dos fatos escapa ao artifício cultural, permanecendo mudo”. (BARTHES, 2003, p. 67)

#### **4.2. O grotesco e o jornalismo**

Sodré identificou a ligação entre a mídia brasileira e o grotesco. No caso, o jornalismo, usado como exemplo, foi colocado como um fenômeno estreitamente ligado à cultura de massa por generalizar os grupos sociais e por ter uma função política de ordenar a experiência social do cidadão ao promover o convívio com outros setores para mostrar que “um produto da cultura de

massa não pode ser analisado por termos puramente estéticos ou poéticos” (SODRÉ, 1975, p. 19). Segundo ele, a sociedade brasileira passa por uma *extrodeterminação pré-histórica*. Ou seja, que se orienta de acordo com os contemporâneos, sejam amigos ou veículos de comunicação, “reagindo mais em função de grupos sociais amplos do que em função da família ou de objetivos pessoais interiorizados” (SODRÉ, 1975, p. 28). Os modelos de comunicação de massa ainda são operados de acordo com modelos importados ou valores nacionais ultrapassados. Sodré também enumera alguns mecanismos psicossociais do que ele chama “velha cultura brasileira”: espírito de conciliação; otimismo generalizado; personalismo exagerado; gosto pelo verbalismo (que ele chama de *erudição estéril de uma educação elitista*), e uma transigência nas relações raciais. A cultura de massa, se valendo desses mecanismos, se apodera de algumas expressões da cultura oral, como o carnaval. Começando como uma expressão espontânea, com as multidões entrando em batalhas de entrudo, passou a ser mais organizado, com os bairros organizando corsos, blocos e ranchos. Depois passou a se organizar com bases capitalistas, assim entrando no calendário oficial.

O carnaval, de rito de celebração comunitária, convertia-se gradualmente num espetáculo. O toque final foi dado pelas revistas, jornais, cinema e televisão, que passaram a tratar o carnaval como espetáculo a ser consumido por um público de massa. (SODRÉ, 1975, p. 35).

Com essa apropriação, os temas cívicos e históricos passaram a ser parte do carnaval, que se profissionalizou e virou a figura das escolas de samba.

Em suma, a cultura de massa assimilou o carnaval, mas deixando de lado o seu caráter dionisíaco, talvez mesmo histórico (no sentido grego de rito coletivo uterino ou afrodisíaco) que imprimia à diversão um forte sentido de contestação psicossocial. (SODRÉ, 1975, p 35).

O mesmo a cultura de massa fez com o caráter escatológico e grotesco da cultura brasileira. Vale entender que escatologia aí está ligada à atitude cultural em relação à história. A cultura oral brasileira foi bastante marcada tanto por uma concepção que vê o homem como parte de uma natureza cíclica, estando organicamente ligado à ela, como por outra, da tradição judaico-cristã, que é mais linear que leva a crenças de vida após a morte e no sobrenatural.

O *ethos* da cultura de massa brasileira, tão perto quanto ainda se acha da cultura oral, é fortemente marcado pelas influências escatológicas da tradição popular... A essa altura, a Escatologia consegue juntar os dois sentidos: o místico e o coprológico. (SODRÉ, 1975, p. 38).

O grotesco, entendido aqui como algo que *está fora de seu contexto*, é usado pela cultura de massa.

O miserável, o estropiado, são grotescos em face da sofisticação da sociedade de consumo, especialmente quando são apresentados como espetáculo. A *estranheza* que caracteriza o grotesco coloca-o perto do cômico ou do caricatural, mas também do kitsch. (SODRÉ, 1975, p. 39).

O grotesco, segundo Sodré, é posto a serviço de um sistema que pretende compensar a angústia dos indivíduos das cidades. Isso leva ao conceito de *estilização*. Os russos Mikhail Bakhtin e Iuri Tynianov nomearam *estilização* o contrário de paródia. Mas Sant'Anna, em seu livro *Paródia, Paráfrase e Cia* quis acabar com essa oposição. Ele tratou a *paráfrase* como uma “reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra” (SANT'ANNA, 1998, p. 17) e *paródia* como “fala que se introduz em outra com uma intenção que se opõe diretamente à original” (SANT'ANNA, 1998, p. 14). Então, segundo ele, a *paráfrase* é um *pró-estilo* e a *paródia* um *contra-estilo*. “A estilização deixa de ser apenas um dado opositivo em relação ao texto original” (SANT'ANNA, 1998, p. 36).

## 5. HISTÓRIA DO JORNALISMO POPULAR

Para começar a tratar do jornal “Maskate”, seria interessante fazer uma breve linha do tempo do *jornalismo popular*. Tudo começa com a *penny press*, que teve a sua aparição em 1769, nos EUA. O jornal *The Penny Post* tentou vender os exemplares a um centavo de dólar, mas não deu certo. Vieram depois várias tentativas, mas o primeiro a dar certo foi o *Sun* de Nova York, em 1833. O seu fundador, Benjamin Day, “estava tentando viver fazendo o seu produto acessível e prazeroso aos leitores. Mas quando ele fundou o primeiro penny press de êxito, ele não viu a penny press como uma forma verdadeira de jornal ou a fundação do jornalismo futuro” (WILLIAMS, 1993, p. 01). Day criou o seu jornal do tino comercial que tinha. Tudo estava fadado a dar errado, até porque os jornais da época eram todos apoiados por partidos políticos, ao contrário do seu. Mesmo os que não tinham filiação custavam cerca de seis centavos. Day também colocou, além das notícias, poesia e literatura, comum aos jornais da época. Mas a jogada foi inserir a cobertura policial. A cobertura de crimes não era algo novo à época, muitos dos jornais de seis centavos faziam isso, além de ser popular também em Londres. Mas a grande jogada foi colocar o seu parceiro George Wisner como responsável por esse tipo de notícia. “As suas reportagens policiais ganharam notoriedade porque eram o tipo de fofoca que as pessoas queriam ler sobre os seus vizinhos” (WILLIAMS, 1993, p. 06). Com o *Sun*, as pessoas começaram a ligar jornais baratos com reportagens policiais.

No final do século XIX, um outro tipo de jornalismo, caracterizado principalmente pela falta de ética e pela busca incessante do furo, independente da veracidade, surgiu. O chamado *Yellow journalism*, filhote da penny press, ganhou as ruas das cidades da costa leste norte americana. Alguns jornais da época ganharam esse nome por causa de um boneco com uma camisola amarela que adornava algumas páginas, chamado de *Yellow kid*.

Apesar de ser difícil traçar as origens exatas desse fenômeno, um fator foi determinante: Aa integração do conceito de liberdade de imprensa e a habilidade de sobreviver no mercado jornalístico, que, durante o século XIX, ficou cada vez mais integrado à economia de mercado que surgiu após a Guerra de Secessão (SPENCER, 2007, p. 19).

Com os editores sem medo de ir para a prisão caso publicassem algo danoso à alguém, os limites de tolerância pública foram cada vez mais explorados para que os jornais vendessem mais e, por consequência, lucrassem mais. Valia de tudo: ir atrás de escândalos ativamente, apelar para o sensacionalismo, distorcer ou simplesmente criar fatos, etc. “A checagem de fatos ainda não havia entrado no vocabulário jornalístico” (SPENCER, 2007, p. 23). Os repórteres chegavam a investigar crimes por conta própria para ter a notícia em primeira mão. Chegavam aos culpados antes da polícia, mas não sem antes destruir as provas pelo caminho para que os concorrentes não tivessem acesso às informações. Duas grandes figuras dessa época foram os publishers Willian Hearst e Joseph Pulitzer, donos de impérios jornalísticos nos EUA e que tiveram diferentes epítafios. Enquanto Pulitzer deu nome ao prêmio jornalístico mais importante dos EUA, Hearst é mais lembrado por causa da figura de Charles Foster Kane, o empresário inescrupuloso do filme de Orson Welles Cidadão Kane.

No Brasil, um fenômeno parecido foi a chamada *imprensa marrom*. Há o caso do jornal carioca O Diário da Noite, que ganha ares mitológicos. Antes de 1959, qualquer publicação sem escrúpulo era chamada de *imprensa amarela*, mas o editor teria mandado um repórter mudar a palavra *amarela* por outra mais forte: *marrom*. Mas, segundo Angimani, o termo veio do francês *imprimeur marron*, ou impressor ilegal. No francês, o adjetivo *marron* é usado para pessoas que exercem profissões de maneira ilegal, como *médecin marron*, *avocat marron*. E o uso de *marron* pode ter vindo do adjetivo *cimarron*, que se aplicava na metade do século XVII aos escravos em situação ilegal. Na França do século XIX que o termo *marrom* passou a ter esse senso de coisa ilegal, clandestina. E Angimani cita as características desse tipo de imprensa.

Manchetes escandalosas em corpo tipográfico excessivamente largo, “garrafais”, impressas em preto ou vermelho, espalhando excitação, freqüentemente sobre notícias sem importância, com distorções e falsidades sobre os fatos; uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas; impostura e fraudes de vários tipos, com falsas entrevistas e histórias, títulos enganosos, pseudociência; quadrinhos coloridos e artigos superficiais; campanhas contra abusos sofridos pelas “pessoas comuns”, tornando o repórter um cruzado a serviço do consumidor. (ANGIMANI, 1994, p 22)

Mesmo assim, o primeiro jornal a se intitular *popular* foi o Jornal do Brasil em 1900. Na sua primeira edição, tomou para si o papel do defensor dos oprimidos, exibindo na primeira página cinco figuras: a dos pobres, a quem o jornal deve defender; o repórter ao telefone, representando o uso da tecnologia pela publicação; uma figura feminina, alcançando o universo, alegoria da imprensa; um jornalista, e um personagem bem vestido, representando os mandantes, o alvo do jornal. O *Jornal do Brasil* também investiu bastante em imagens. “Numa cidade cuja maioria absoluta da população é analfabeta, a textualidade da imprensa se faz pela possibilidade de transmitir a informação através da imagem”, (BARBOSA, 2007, p. 32). As notícias de crimes passaram a ter uma grande importância no Jornal do Brasil e os repórteres passaram a ser cronistas do cotidiano. E a ansiedade para conseguir um furo levou a padrões éticos dignos das publicações de Hearst.

Algumas vezes, vale-se de expedientes não muito éticos para conseguir a reportagem inédita e sensacional. Bisbilhotar as conversas alheias, ler sorrateiramente textos sobre uma mesa ou mesmo em bondes, são apenas algumas das ações para conseguir o furo de reportagem. (BARBOSA, 2007, p. 39).

O cronista Nelson Rodrigues foi sucinto na sua descrição dos gostos do público. “Gostava de sangue. O futebol ainda não se instalara na primeira página”, disse uma vez. Os jornais passaram a ir atrás de “tragédias que apaixonavam a cidade” (BARBOSA, 2007, p.53). Nos anos 1920, as cidades foram inundadas de notícias de tragédias, descrevendo todo o horror da realidade.

Essas narrativas, em primeiro lugar, apelam a um imaginário que navega entre o sonho e a realidade. As tragédias cotidianas, por outro lado, descrevem conteúdos imemoriais, que aparecem e reaparecem periodicamente sob a forma de notícias. Mudam os personagens, não as situações. De tal forma que podemos dizer que existe uma espécie de *fluxo do sensacional* que permanece interpelando o popular a partir da narrativa que mescla ficcional com a suposição de um real presumido. (BARBOSA, 2007, p 53).

Dois jornais selaram definitivamente a popularização do “espreme que sai sangue”. *A Manhã* (1925) e *Crítica* (1928) se especializaram em notícias de crimes e tragédias cotidianas. E o público também mudara. Segundo o censo de 1920, 74,2% da população com mais de 15 anos é letrada. Na década de



20, existiu na cidade do Rio de Janeiro pelo menos 800 periódicos, a maior parte vendida ao preço de uma passagem de bonde, 100 mil réis. Nos anos 50, surgiram outros, sendo o mais importante o *Última Hora*, que nasceu em 1951. 12 anos depois, nasceu em São Paulo o *Notícias Populares* para competir com o *Última hora*. “Nesse sentido, e dentro desse contexto, o NP procurou trabalhar tal como o *Última Hora*, sobre a fórmula crime-sexo-sindicato, e pouco tratava de política”. (DIAS, 1996, p. 20). Na década de 1970, o país viu um processo de concentração, “que leva ao desaparecimento de inúmeros periódicos e a supremacia de *O Globo*, e do jornalismo popular do *O Dia*”. (BARBOSA, 2007, 27). O próprio jornalismo popular começou a ter outra configuração justamente por causa do *O Dia*. A partir da década de 1950, os jornais populares começaram a ter uma feição mais política, normalmente refletindo o que os donos pensavam. No caso, o nascimento dessa imprensa popular mais politizada “demonstra a importância que esses políticos atribuem ao fato de ter uma máquina jornalística voltada para o expressivo segmento da população ainda não alcançado pela grande mídia”. (BARBOSA, 2007, p. 214).

Nos anos 1990, o país está em processo de redemocratização e o discurso do jornalismo popular havia mudado. O número de publicações do tipo estava crescendo e os jornais populares estavam mudando a temática.

Muitos produtos jornalísticos populares contornam o estilo “espreme que sai sangue”, e usam outros recursos para conectarem-se com o público popular como o entretenimento, o assistencialismo, o denunciamento, a prestação de serviços e a superexposição das pessoas comuns e das celebridades. (AMARAL, 2005, p. 13).

## 6. O MASKATE

“O Jornal Maskate também é chamado de *Inimigo do Rei* porque não tem medo de falar a verdade, doa a quem doer”. (Definição do Maskate na página “Sobre a Empresa” do site)



Figura 1: capa da edição 2121 do Maskate

**BOLETIM DE OCORRÊNCIAS** | 13

# IDOSO SÓ DE SUNGA É MORTO DEGOLADO

O idoso Carlos Alves de Costa, de 78 anos, sofreu uma parada de Sístole e a família levou-se em uma delegacia morto de casa dele, depois de um dia de internação. O caso ocorreu na casa do crime e após de sete horas sangrando, quando foi morto.

O idoso sofreu a parada na apartamento de Carlos que fica na rua Lacerda, no bairro São José, no centro de Manaus. A polícia suspeita que o idoso tenha sido vítima de um infarto, já que o diagnóstico foi feito em cardiologia após o exame que ocorreu minutos após a morte.

Carlos trabalhava como encanador de fábrica na empresa de Carlos Wilson Filho, a partir da qual ele estava tentando de fugir para ele, que estava em Manaus no domingo e segunda e não pôde voltar. Preso, ele foi levado para o hospital. Preso, ele foi levado para o hospital. Preso, ele foi levado para o hospital.

... (text continues with details of the case and police actions)



**TARADO INICIA A CARREIRA**



... (text continues with details of the person's career start)

# FACADA ESPETACULAR

Depois de sofrer todas as dores de uma facada no peito, o idoso foi levado para casa de saúde, e morreu no Hospital de Referência de Manaus, após sofrer uma parada de Sístole, em 11 de junho.

... (text continues with details of the stabbing incident)

# ASSALTANTE EMBRIAGADO

Completamente alcoolizado de tanto beber e com um pé no chão, o idoso foi levado para casa de saúde, e morreu no Hospital de Referência de Manaus, após sofrer uma parada de Sístole, em 11 de junho.

... (text continues with details of the assault)

# DIRETO PARA O SACO

O idoso foi levado para casa de saúde, e morreu no Hospital de Referência de Manaus, após sofrer uma parada de Sístole, em 11 de junho.

... (text continues with details of the case)



**Cartuchos da Amazonia**  
BIOLOGICAMENTE CORRETO

Recarga de Cartuchos  
JATO DE TINTA E TONER

Manutenção em Impressoras  
MANTENÇÃO JATO DE TINTA E TONER

REPROGRAFIA  
3088-0936 | 3088-3953  
Av. Telê, 510 B - Coqueiros/Manaus

Figura 2: página do Boletim de Ocorrências da edição 2121

O jornal *Maskate*, com 2027 edições até o dia 06 de junho de 2012, circula de segunda a sábado a R\$ 1 nas bancas de jornais. Se define da seguinte forma: “O Jornal *Maskate* também é chamado de Inimigo do Rei porque não tem medo de falar a verdade, doa a quem doer”. O jornal *Maskate* já foi objeto de estudo de um trabalho intitulado “Uma perspectiva crítica acerca do modo de representar a violência no contexto midiático de um jornal Manauara” de Rebelo. Com os jornais *Manaus Hoje* e *10 Minutos* compõe o conjunto de jornais populares de Manaus. O jornal é composto das seguintes

seções: *Opinião, Política, Cidades, Boletim de Ocorrência, Polícia, Economia, Inusitado, Tablóide, Espiritualidade, Click Manaus e Manaus é assim*. O *Maskate* é uma publicação riquíssima, porque as narrativas jocosas de diversos crimes, como (tentativa de) homicídio, (tentativa de) estupro, assalto à mão-armada, violência doméstica, briga entre vizinhos, dentre outros, acaba mostrando discursos grotescos, que não encontrariam espaço em outras publicações. Segundo Rebelo, até o título dá uma dimensão da ironia da forma como os fatos são apresentados. Colocar o nome da seção de “boletim de ocorrência”.

O título da seção Boletim de Ocorrência neste caso, portanto, é meramente ilustrativo e refere-se aos tipos de situações presentes na seção, que conforme observamos através dos exemplos não se tratam apenas de crimes violentos, mas narrações de acontecimentos diversos e atípicos, desde desavenças entre vizinhos à acidentes de trânsito sem vítimas fatais. Além da linguagem utilizada para narrar os fatos, que é informal, o jornal utiliza-se de chavões e gírias bem como de expressões tabus para narrar os fatos, falta-lhe o principal para que fosse considerado um boletim de ocorrência: a legitimação atribuída pelas autoridades policiais quando do ato da lavratura (REBELO, 2011, p. 2196).

Ela explica que os textos do jornal têm as características de uso de uma linguagem informal e coloquial, em contraste com a linguagem formal; uso de ironia, e uso de gírias e expressões idiomáticas. De acordo com Rebelo,

O objetivo da seção Boletim de Ocorrência permanece sendo o de informar os leitores sobre os crimes recém-ocorridos na cidade. Porém, seguindo o estilo que é próprio à publicação em questão, viola-se o padrão estilístico comum a este gênero a fim de gerar efeitos de sentido de humor, e com o intuito de manter harmônico o “tom” jocoso da publicação como um todo, o que provavelmente agrada seu público-leitor. (REBELO, 2011, p. 2199).

Como Juliana Rebelo já apontou, as matérias do jornal *Maskate*, apesar de ter um compromisso com os fatos, os reporta de maneira diferente que um jornal comum. Seria interessante primeiro tentar classificar os personagens que aparecem. Primeiro os “contraventores”. Muitas vezes eles são tratados como “galerosos” ou “galeritos”, uma gíria de Manaus que significa “participante de gangue”. Mas os galerosos não são caracterizados simplesmente como “parte de uma gangue”. Há toda uma mitologia que os ronda. São características

deles (segundo o jornal) o consumo pesado de pasta-base (uma forma de cocaína), a prática do *mal*, já que o crime nunca é causado por motivos concretos, é normalmente obra de influências do outro mundo, normalmente associados ao satanás, que não aparece diretamente, mas influencia esse mundo de outras formas. A violência sem motivo também é colocada como característica dos *galerosos*. Ou os motivos são fúteis ou não há qualquer motivo, sendo que o próprio jornal tenta adivinhar, tratando-os como *influência externa*. Quando o *galeroso* é o personagem, é mostrada uma tentativa de entrar nos grupos criminosos. Ele não tem sucesso na empreitada e acaba por apanhar da polícia ou dos semelhantes. Os galerosos “terceiros”, que tem sucesso nas ações, ou não são identificados ou são chamados apenas pelos apelidos. As ações são conhecidas, mas o foco é na vítima. Quando são os personagens principais, a caracterização ainda é oculta.

Outro personagem que aparece com frequência, tanto entre os agressores quanto entre os agredidos é o *desocupado*. O *Maskate* trata a falta de ocupação como um traço absurdamente negativo. Esse tipo de personagem normalmente é tratado como alguém que sofre de delusões amorosas megalomânicas, homens que pensam que conseguem atrair qualquer mulher. Também são imputados diversos vícios, como o consumo excessivo de álcool e de drogas pesadas. Mesmo assim, o jornal os descreve (ironicamente) como lindos, educados, etc. As motivações do *desocupado* são o contrário das do galeroso. Ele não faz por mal, por uma influência diabólica. Ele pratica os crimes embriagado e sempre com muita inépcia. Vale lembrar que o jornal trata as bebidas alcoólicas e as drogas como facilitadores de crimes, que impedem o julgamento das ações. Os *desocupados* também podem ser as vítimas, mas, pelo que os textos dão a entender, as agressões sofridas são de culpa deles. Normalmente os adversários dos *desocupados* são os *crentes* e *trabalhadores*, que não são caracterizados com a profundidade dos *desocupados* e *galerosos*, mas sempre saem vencendo. As duas categorias, que são mostradas de uma forma positiva, entram nas brigas como se tivessem uma missão divina de parar o agressor.

Um caso interessante são as mulheres. Elas são raramente caracterizadas, salvo algumas vezes que são tratadas como prostitutas. Mas

as ações delas acabam legitimando, de uma forma ou de outra, as agressões sofridas. Elas reclamam com os maridos, o que causaria as agressões sofridas. Mas a ênfase aí não é no personagem agredido, mas na ação. Os golpes sofridos, mesmo que não sejam fidedignos, são descritos como num filme de artes marciais. Nunca é apenas um tapa, um soco ou um chute. São “sequências alucinantes de golpes de artes marciais” ou algo do tipo. As agressões são descritas como se saídas de um filme de kung-fu, mas sempre tendem para o humor pastelão. O que é descrito não é Bruce Lee batendo em alguém, mas algo próximo de um episódio de Os Três Patetas. Também é dada ênfase no resultado da briga. Os corpos não são descritos, mas as feridas sim. A transformação sofrida pelos agredidos é descrita em pormenores, mas com uma linguagem chula. Não são feridas ou machucados, são traços ridículos, que transformam o agredido em algo grotesco. Vale lembrar que, em relação às mulheres, o discurso contém ambigüidades. A legitimidade das agressões sofridas pelas mulheres não é clara como poderia ser, até porque, na maior parte dos casos, o homem é descrito como “bruto, bêbado, sem educação”. A ironia aí é que a mulher sempre dá razão, mas essa razão nunca é legítima. As vezes o homem agride porque “a mulher o proibiu de beber” ou por qualquer outro motivo.

Há também os espectadores diretos da ação. Eles podem ser “crentes, trabalhadores” ou “vagabundos”. Eles não fazem parte da ação, apenas assistem. Pode acontecer um crime numa rua cheia, os transeuntes não vão parar para ajudar quem está ferido. Isso seria apenas mais um indício da “inutilidade social” dos personagens. Mas, às vezes, os mesmos transeuntes passivos podem se tornar ativos quando um personagem da matéria faz algo especialmente reprovável. O linchamento é normalmente mostrado como um castigo merecido.

O ambiente que a ação se passa pode ou não ser importante. Quando o fato acontece na zona leste de Manaus, a região administrativa com 600 mil habitantes e renda média por habitante de R\$ 720,25 (IBGE, 2008) é as vezes tratada como “querida” ou outros adjetivos positivos. Quando se trata de outros bairros, a caracterização irônica está normalmente ausente. Mesmo assim, o ambiente é pouco descrito na maior parte dos textos. Os bairros pobres,

também chamados de *palafitas*, as vezes ganham uma descrição com mais cor. Os bares também, que as vezes são chamados de “bar de terceira categoria” ou semelhantes. Em muitas matérias, o destino final é algum hospital da cidade, normalmente o chamado “João Lúcio”, ou o Pronto Socorro João Lúcio Pereira Machado, que atende as principais urgências da cidade.

## 7. ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO MASKATE

Para começar, uma matéria do *Maskate* que trata de violência doméstica. No caso, o marido Walmir Epitácio da Silva Ribeiro chega em casa, a mulher Leidimar Ferreira Bastos reclama e acontece uma briga aonde a esposa apanha.

### a) CALANDO A BOCA DA PATROA

Ao chegar em casa de porre, mas em missão de paz, Walmir Epitácio da Silva Ribeiro, 32, acabou não suportando mais ver sua patroa reclamando dele, com aquela ladainha infernal e acabou explodindo em fúria. Ele aplicou uma sequência alucinante de golpes de artes marciais na mulher, que ficou irreconhecível. O fato aconteceu no bairro Monte das Oliveiras, na zona Norte. Leidimar Ferreira Bastos, 29, pegou uma pisa de seu amado que estava alucinado por efeito do álcool. Ela deu entrada no João Lúcio, com um olho roxo, várias escoriações e os lábios espocados. Segundo testemunhas, que estiveram no Pronto-Socorro João Lúcio, com a vítima, Walmir ainda teria dito que “Ele não sabia por que tinha batido, mas ela sabia, porque havia apanhado”. O amado de Leidimar fugiu, antes de qualquer bronca.

O acontecimento teria passado em branco e seria apenas mais um caso entre os milhares que acontecem todos os dias. Mas na matéria, ganhou um colorido. Walmir chega em casa “de porre”, mas “em missão de paz”. Fica aí subentendido que ele queria apenas fazer qualquer coisa. Mas Leidimar, ou “a patroa” chega com a sua “ladainha infernal” e, por culpa dela, começa a agressão, ou a “sequência alucinante de golpes de artes marciais”, deixando a mulher “irreconhecível”. No caso, o texto transforma uma ocorrência relativamente normal em um roteiro de comédia que parece uma fofoca.

O bêbado, arquétipo já identificado por Jung como representante do inferior tenta se libertar das convenções impostas por uma figura de autoridade com violência. Mas aí, a violência está mais próxima do slapstick, da comédia violenta. A “sequencia alucinante de golpes de artes marciais” está colocada ironicamente. É uma hipérbole, da mesma maneira que os desenhos do Coiote e do Papa-léguas aumentam a violência para se obter efeito cômico. Aí o físico, a violência, serve para ridicularizar o comportamento. O efeito da agressão, “várias escoriações e lábios espocados”, transforma a mulher numa figura



grotesca, a desumaniza, a mortifica. E o “ele não sabia porque tinha batido, mas ela sabia porque havia apanhado”, dizer popular que legitima a violência contra a mulher ao colocar a figura feminina como algo que sempre está tramando, serve aí como *punch line*, transforma tudo em piada.

## b) QUERENDO ENTRAR PARA A GALERA

Louco para fazer parte da galerosidade do bairro Tancredo Neves, na nossa querida Zona Leste, Rodrigo Miranda de Souza, 18, o “Rodriguinho”, não conseguiu convencer ninguém de que estava apto a integrar a galera predominante do bairro. Revoltado porque ninguém o levava a sério, nem quando ele fumava bastante pasta-base de cocaína, ele resolveu praticar um ato de bravura para ser reconhecido. Ele roubou e esfaqueou um outro elemento na rua São José, mas houve uma reviravolta e ele acabou pegando, também, duas facadas nas costas, para aprender a ser um galeroso de verdade. O pobrezinho foi bater no João Lúcio, na zona leste, onde aproveitou para procurar ajuda psicológica para tentar descobrir, porque é um fracassado até na galerosidade.

Aí se apresenta outro arquétipo, o do “pequeno ladrão”, que rouba pelo prazer de roubar. *Galeroso* é uma gíria de Manaus que designa integrantes de gangues, principalmente das partes pobres da cidade. Esse é um exemplo clássico do *fait divers*. Há uma decepção do que era esperado, que era o personagem Rodrigo Miranda de Souza passar pelo teste esfaqueando e roubando um transeunte. O agressor acabou se tornando vítima numa “reviravolta”, quando leva duas facadas nas costas. Mas outros elementos são usados para dar cor ao acontecimento. Primeiro é a forma irônica que o texto se refere ao local, como “nossa querida Zona Leste”.

A Zona Leste de Manaus concentra alguns dos bairros mais pobres e violentos da capital amazonense. Aí o jornal trata o lugar como uma “terra de ninguém” ao elogiá-lo, deslocando o sentido de *querida*. “Rodriguinho” é posto como incompetente, pois não consegue fazer parte do grupo de pequenos criminosos locais, o que, pelo que parece, é muito fácil. A revolta dele é porque não é levado a sério, “nem quando fumava bastante pasta-base de cocaína”. De novo a ironia, já que trata o comportamento de Rodrigo, algo repreensível, como um traço positivo dentro da “galerosidade”, ao mesmo tempo que coloca todo o grupo-alvo do personagem entre os consumidores de drogas. Apenas nessa frase o texto diminui Rodrigo e o grupo almejado. O mesmo deslocamento ocorre quando trata o ato dele, roubar e esfaquear alguém, em “ato de bravura”. A ironia aí transforma Rodrigo em algo risível. Só que, ao ser esfaqueado por um desconhecido, Rodrigo é punido por uma “justiça invisível”.

Nesse caso, é a *escatologia mística* apontada por Muniz Sodré que acredita que o homem está inserido numa natureza cíclica e que todo ato é obrigatoriamente punido ou recompensado. O personagem esfaqueou e foi esfaqueado. A matéria termina com a *punch line*. No hospital onde estava internado, Rodrigo deve ter ido atrás de um psicólogo para descobrir porque fracassou *até* nos grupos mais baixos da sociedade.

### c) TERÇADADA POR CAUSA DE MOTO

Um desentendimento familiar ocasionado pela posse de uma magnífica motocicleta acabou em terçadada na cabeça, na noite de ontem, no bairro Cidade de Deus, zona Norte. O desocupado Sergio Bastos de Melo, 28, não viu outra alternativa a não ser tentar decepar seu irmão que queria levar sua moto para pegar altas gatas. Neldson Levy Bastos de Melo, 20, pegou sua terçadada na cabeça e foi correndo para o João Lucio onde está azarando as enfermeiras com sua cabeça enfaixada. O irmão fugiu na moto e também deve estar pegando altas gatas, já que foi ele que ficou com o veículo capaz de atrair muita catirina.

Brigas fraternais também são de interesse do *Maskate*. No texto acima, o dono da moto, Sergio Bastos de Melo, esfaqueia o irmão, Neldson Levy Bastos de Melo, por causa da posse de uma motocicleta. O adjetivo “magnífica” já coloca a briga como fútil, pois aí está subentendido que a moto não valia nada. O dono da moto é descrito como “desocupado” e idiota, já que a “terçadada” foi a sua única alternativa. A própria “terçadada”, que é no linguajar popular um ferimento causado por um terçado, ou facão, está colocado aí com *slapstick*. Os irmãos são dois idiotas que brigam de uma forma cômica por um objetivo fútil: “pegar altas gatas”.

O agredido teve a sua cota de agressões e foi recompensado ironicamente, pois está no hospital “azarando as enfermeiras com a sua cabeça enfaixada”. O agressor é tratado ironicamente, pois aí a moto, o objeto de discórdia, é algo capaz de atrair “muita catirina”. Aí é mais um chamado irônico por uma justiça “divina” que puna o agressor, pois, com a punch line, pede, com um deslocamento de sentido, que ele seja achado e punido.

#### d) REMODELAMENTO FACIAL

O altamente desocupado e suposto membro de galera Josias Lima Duarte, 19, foi brutalmente espancado a pauladas por uma moçada satânica, no início da noite de ontem, na Colônia Oliveira Machado. Josias topou por acaso com antigos desafetos que estavam armados com vários pedaços de paus com singelos pregos como enfeite e com pouquíssimo espírito esportivo. Os tacos de madeira, que eram de boa qualidade e não se arreventaram nas costas do infeliz, deixaram sua marca em cada centímetro de seu corpo. A agressão foi registrada às 23h51, no SPA da Zona Sul, onde Josias foi atendido e medicado. Nenhum envolvido foi preso.

Os pecadores vão para o inferno sofrer castigos inomináveis. É o que está dito na nota “Remodelamento Facial”, aonde o jovem Josias Duarte, descrito como “altamente desocupado” e “suposto membro de galera” é agredido. Os agressores ganham ares de demônios ao serem descritos como “moçada satânica”. Josias cumpre o castigo pelos seus pecados, assim confirmando o que Sodré definiu como escatologia dentro do contexto brasileiro: a mistura entre uma visão cíclica de mundo e a tradição judaico-cristã, que trata da morte e do sobrenatural.

A “moçada satânica” é muito mais um algoz que cumpre uma sentença que simplesmente criminosos. Como eram “antigos desafetos”, essa natureza cíclica se cumpre. Josias fez alguma coisa e foi punido. A casualidade é quebrada, porque, apesar de Josias ter “topado por acaso”, os agressores já estavam armados “com vários pedaços de paus com singelos pregos como enfeite”. Josias não teve chance. Foi muito mais o cumprimento de uma sentença que uma competição, pois os algozes estavam “sem espírito esportivo”. Vale lembrar de uma passagem da Bíblia, do Livro do Apocalipse: ‘Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome’ (AP 13:17). Josias, ou “infeliz”, recebe a marca da “moçada satânica” da mesma forma que os pecadores recebem a marca da besta. “Os tacos de madeira, que eram de boa qualidade e não se arreventaram nas costas do infeliz, deixaram sua marca em cada centímetro de seu corpo”, diz o texto.

### e) MULHER INTRANSIGENTE

Ao ser questionado, de forma autoritária e intransigente, pela sua sua amada, sobre camisinhas que estavam na carteira dele, já que o casal não usa preservativo há anos, o cobrador Hudson Melo da Silva, 35, ficou puto e arrebentou a cara da infeliz. Sheila Lira Brabosa, 34, na noite de ontem, no bairro Jorge Teixeira 3, na Zona Leste. O elemento que estava embriagado, sabia que toda a relação para se manter duradoura tem que ter respeito de ambas as partes e por isso se ofendeu com a forma hostil e agressiva que a patroa estava perguntando as coisas. Ele não só se recusou a responder a pergunta, como esmurrou a cara dela e deu alguns pisões nas costas e costelas da pobre, até que ela começasse a pensar pelo seu ponto de vista. A bichinha foi bater no João Lúcio, onde denunciou seu grande amor. Ele foi preso pouco depois, na casa da mãe dele, para quem contou sua versão dos fatos.

Nessa matéria, o personagem “agressor”, Hudson, acha uma camisinha e, por não usar, agride a sua mulher, a “vítima” Sheila. Hudson foi descrito como “embriagado” e Sheila como “bichinha”, “patroa” e “infeliz”. Há uma inversão de papéis. O culpado vira inocente e todas as suas ações são legitimadas. Vale perceber que a forma que a mulher questionou foi “autoritária e intransigente” e que a forma de questionamento legitimou a agressão. O humor aí reside na ironia, já que essa legitimação não é verdadeira.

O “respeito de ambas as partes” mencionado é dirigido à mulher, mas se faz parecer dirigido ao homem. O homem acaba por se tornar o grotesco. Na ironia ele é visto como fora de seu lugar, mesmo que o texto diga o contrário. Parece a sua versão dos fatos, mas uma versão que não condiz com a realidade. Ele estava “embriagado”, o que teria mudado a sua “versão dos fatos”. A vítima é objetificada, transformada em algo digno de pena. Aí se ri não da situação, mas do julgamento do homem, dos seus motivos e da aparente justiça de seus atos.

## f) COBRANÇA IRRITANTE

Ao abrir a boca para reclamar a pensão do filho, de seis meses atrás, a dona de casa, Rosinete Vaz de Araújo, 25, foi pegando um pisão no meio da cara que a fez voar longe e cair de costas no chão. O autor desse belo golpe foi o pedreiro Messias dos Santos Pereira, 34, que foi educado em Harvard. O fato aconteceu, na manhã de ontem, no bairro do Mauzinho 2, Distrito Industrial, quando o pedreiro degustava a sua cachaça matinal, num boteco ao lado de sua residência. Com sua fineza de costume, Messias, ao avistar a mulher, já foi avisando-a para não se aproximar, pois iria pegar porrada. Como a infeliz, insistiu em se aproximar, foi pegando uma seqüência de tapas bem no ouvido, para ficar surda de vez. Depois da pisa, que já se previa, Rosinete deu queixa do infeliz que foi preso em flagrante pelos cops.

Aí a ironia é um pouco menos direcionada a um personagem. Há os elementos da comédia de slapstick, já que os golpes são descritos vividamente. “Pisão no meio da cara”, “porrada”, “sequência de tapas bem no ouvido” descrevem a violência da cena, mas de uma forma mais sanitizada. Aí a violência da briga vira algo digno de “Os Três Patetas”. Não só as ações do agressor são grotescas, mas as da vítima também, que foi descrita pedindo para apanhar.

A cena, de natureza trágica, ganha um ar de graça, fazendo lembrar um episódio qualquer de comédia pastelão. Messias é outro que é descrito como alcoólatra e mal educado, mas o texto não diz isso diretamente. O alcoolismo é dito mas não dito. O texto aponta com ironia a “cachaça matinal” como um costume, mas um costume apenas de Messias. A falta de educação é dita pelo extremo oposto. Ele é descrito como alguém que costuma ser fino e que foi educado em Harvard apenas para dizer que é alguém que não tem educação nenhuma. A mulher “insiste” em se aproximar, mesmo sendo avisada. E, conseqüentemente, teve o castigo. Rosinete não foi apenas uma vítima, ela conspirou com a própria agressão. Tanto que a “pisa’ era prevista. A cena já estava armada desde o começo. É um slapstick sem punch line. Não é uma piada, mas um relato do cotidiano mais parecido com uma fofoca.

### g) TENTATIVA DE ASSALTO

Completamente alucinado de tanta droga e cachaça em seu cérebro atrofiado, o desocupado Elizeo Magalhães Bastos, 32, resolveu simplesmente assaltar um pacato cidadão, mas acabou foi entrando na porrada e sendo preso. O fato aconteceu ontem no Bairro Nova Floresta, zona Leste. Elizeo, morto de lombrado, anunciou o assalto com a língua pesada, ao crente, José Augusto Fernandes da Costa, 26, porém, como nem se agüentava em pé direito, a vítima não resistiu à tentação e largou uma mãozada na cara do infeliz. Em seguida, aplicou-lhe uma seqüência de bicudas e giratórias. Depois de beijar o chão, Elizeo tentou fugir, mas novamente pegou porrada de mais dois mancebos que passavam pelo local. José chamou a Polícia.

Elizeo recebeu o castigo que merecia, na cena que era para acontecer. Aí é um caso apenas de castigo divino. Ele representa o pecador, mas o pecador engraçado, que recebe o castigo em forma de piada. Ele é o palhaço, uma representação mal feita de um bandido arquetípico. Para começar, ele não é descrito como “bêbado”, mas por uma hipérbole que já mostra o grau de degradação. Como estava “Completamente alucinado de tanta droga e cachaça em seu cérebro atrofiado”, suas ações são tomadas como algo impensado.

Toda ação dele é mostrada como fadada a dar errado. Ele não teria o expertise, já que foi descrito como “desocupado”, e não estava em domínio de seus sentidos, já que estava com a “língua pesada” e “não se agüentando em pé direito”. Tanto que Elizeo anunciou o assalto “morto de lombrado”. A vítima do assalto, o “crente” José Augusto, reage da forma que seria “adequada”, agredindo Elizeo. A agressão é descrita como um pecado irresistível, com ares de filmes de artes marciais. Mesmo assim, há um elemento de pastelão na cena toda. Tanto que a cena se resolve com Elizeo caindo e tentando fugir, mas apanhando de novo de dois transeuntes.



#### h) FUTEBOL MORTAL

O belo auxiliar de pedreiro Carlos Maia da Silva, 19, estava muito serelepe na tarde de ontem, mas acabou sendo morto com três tiros, na Rua Jaca da Comunidade Ismail Aziz, no quilômetro 2, da BR-174. Bruno acordou com todo o gás louco para praticar esportes e tirar uma onda com a galera, sempre azarando altas gatas da comunidade. O problema é que ele também gostava de se meter em bronca e já estava marcado para morrer e nem sabia. Depois de um belo lance numa partida de futebol na rua, ele foi pegando os seus balaços do dia, quando um galeroso identificado como 'Dentinho' atirou em suas belas costas e fugiu alegremente. Carlos entrou na casa de uma dona, mas depois foi expulso e morreu na calçada mesmo, chamando a atenção de centenas de desocupados e alguns cachorros. A bronca ficou por isso mesmo.

Outro acontecimento que ganha um colorido no texto do Maskate. Um assassinato premeditado com as características de *fait divers* mas que, pelas circunstâncias, não teria ganho espaço em outros jornais. A matéria coloca Carlos como alguém que não era importante e que realmente merecia morrer, apesar dos esforços para sair do mundo do crime.

O ato aterrorizante é colocado praticamente como um suicídio, pois Carlos gostava de "se meter em bronca". Operando pela contradição de esportista, amigo e namorado com a de briguento, o texto acaba justificando o assassinato, falando que ele "estava marcado para morrer e nem sabia". O autor do crime, que é descrito como *galeroso*, "fugiu alegremente", como tivesse cumprido uma missão. Carlos não levou tiros, mas os "balaços do dia". Se não fosse ele, seria outro. Ele tinha dado um belo lance, e o texto indica que ele foi em paz, como soubesse que ia ser castigado por um crime passado. No final, ele entra na casa de uma mulher procurando ajuda, mas é expulso e morre na calçada. A insignificância de Carlos é mostrada quando ele é objeto de atenção de "centenas de desocupados e alguns cachorros". Carlos é um Zé-ninguém que só merece a atenção de quem não tem nada melhor para fazer ou de quem está com fome, já que "a bronca ficou por isso mesmo". Um destino insignificante para alguém insignificante.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível perceber algumas relações entre o riso, o jornalismo e a seção *Boletim de Ocorrências* do jornal *Maskate*. Primeiro, há uma relação estreita entre o risível e a catarse. Nós rimos para expiar algo que é guardado no inconsciente, como Freud apontou. Mas, como Bakhtin também mostrou, rimos para nos aproximarmos e nos afastarmos da morte e da terra, ou dos nossos futuros, presente e passados. Também há uma relação entre a psique e o mito. Nós não somente significamos o mundo a nossa volta como estamos o resignificando toda hora. Kolakowski já afirmou que o mundo carece de sentido e que o ser humano toda hora cria e recria sentidos para a sua existência, o que ele chamou de *mito*. O jornalismo, em especial o popular, se presta dessa transfiguração de fatos em *mitos*. O *fait divers* é a expressão que designaria isso, já que é transformar algo pequeno em grande. Transformar algo em grotesco é transformar em mito, resignificar.

No *Maskate*, não é diferente. A distância entre o fato e o que é descrito no *Maskate* é muito maior do que num jornal comum. Verdade ou não, o que é noticiado no *Maskate* vai além da notícia. Os fatos retratados, que não teriam muita repercussão em outros veículos, são transformados em piada, a realidade é motivo de riso. Ao dar um colorido grotesco ao real, o *Maskate* transforma o horror do cotidiano em risadas. Há uma falsa dicotomia entre a dura realidade dos bairros mais pobres, a violência, os assassinatos, etc. e os textos jocosos do *Boletim de Ocorrência*. As descrições dos fatos não são mentirosas, mas também não são desinteressadas. O *Maskate*, ao dar um verniz engraçado às tragédias do dia-a-dia, remodela o mundo em uma forma mítica, transformando o terror em risada e algo que seria motivo de tristeza em piada. A diversidade humana é vista de forma dicotômica e tudo se resume a uma luta entre o bem e o mal ou entre o “errado”, ridículo e grotesco, e o “certo”.

Há nos textos a punch line das piadas, o pastelão das situações. É muito mais uma seção de piadas tentando rir do real horroroso que um noticiário. O *Maskate* coloca o horrível e o risível no mesmo eixo, as vezes os confundindo, e colocando o mundo como um apanhado de histórias de horror transformadas em piada a fim de expiar os fantasmas que assolam as comunidades pobres.

Ao ridicularizar a realidade, o *Maskate* a transforma em mito através do discurso cômico a fim de poder empreender uma catarse coletiva. É como o carnaval, mas em forma de texto.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo, *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Sumus, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio De Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOORSTIN, Daniel. *The image: a guide to pseudo-events in America*. New York: Atheneum, 1971.
- BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência no jornalismo popular*. In: *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*, da ANPOLL, organizado por Ingedore Villaça e Koch, Kazue Saito Monteiro de Barros. Natal: EDUFRN, 1997.
- FREUD, Sigmund, *Os chistes e sua relação com o inconsciente: com os comentários de James Strachey*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- JUNG, C. G; MURMIS, Miguel. *Arquetipos e inconsciente colectivo*. Buenos Aires: Paidós, 1970.
- KOLAKOWSKI, Leszek. *Presença do mito(a)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

KOPNIN, Pavel Vasil'evich. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PAULA, Francislene Pereira de. *Jornalismo popular e didáticas da brasilidade: apropriações jornalísticas do discurso sobre o que é ser brasileiro*. Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

PROPP, V. IA. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

REBELO, Juliana Silva. *Uma perspectiva crítica acerca do modo de representar a violência no contexto midiático de um jornal Manauara*. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralís, Curitiba, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1998.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1975.

SPENCER, David Ralph. *The yellow journalism: the press and america's emergence as a world power*. Northwestern University Press, 2007 .

WILLIAMS, J.H., *The founding of the penny press [microform] : nothing new under "The Sun," "The Herald," or "The Tribune."*, ERIC Clearinghouse, 1993.

## 10. ANEXOS

Matérias pesquisadas e que não foram objeto de análise mais aprofundada. Todas elas podem ser acessadas pelo site [www.maskate.com.br](http://www.maskate.com.br)

### MEDO DE CHIFRE

Não querendo ser corno de jeito de nenhum, porque ultimamente ouviu umas conversas muito erradas sobre chifre, entre os colegas, o corno brabo Daniel Nascimento da Silva, 32, resolveu dar uma massacradinha sua companheira de 25 anos, que estava com umas amizades muito suspeitas pela rua. O fato aconteceu na noite de ontem, no bairro Braga Mendes, na fabulosa Zona Leste. Daniel tomou todas e decidiu ter uma conversa muito séria com a mulher. Ele só perguntou uma vez: “Tu tá me traindo?” Quando a mulher abriu a boca para responder, pegou uma taponada violenta que a fez sentir vontade até de vomitar. Depois de cair, ela ainda pegou dezenas de bicudas em todo o corpincho e teve que gritar pelos vizinhos para escapar com vida. O corno fugiu, mas a mulher perdeu qualquer vontade que poderia ter de traí-lo. Agora, ela descansa no João Lúcio. Daniel fugiu para casa de suas quengas.

### VIGILANTE MORRE NA PAULADA

O vigilante Leandro Ramos Lira, 29, pegou tanta paulada no crânio que morreu, depois de ser internado no João Lúcio na madrugada de ontem. No último dia 3, ele estava bem voltando para casa alegremente, quando foi interceptado por um maluco, identificado como `Nonato`, que é gente boa demais. Os dois se desentenderam e Nonato puxou uma perna-manca e começou a massacrá-lo. A bronca aconteceu no belíssimo bairro União da Vitória, na Zona Norte. Segundo a testemunha, Nonato contou com o apoio logístico e moral de mais outros seis vagabundos para praticar a atrocidade. Ninguém foi preso.

O plano perfeito

Um mendigo bastante esperto conseguiu decorar, só de olhar os seguranças, as senhas de acesso à agência da Caixa Econômica, da rua José Clemente, no Centro de Manaus. De posse desta informação, Alan Xavier Torres, resolveu invadir, na madrugada de sábado, o local para roubar as armas dos seguranças que ficam lá dentro. Tudo estava dando certo e Alan conseguiu levar cinco revólveres calibre 38. Até aí tudo beleza, mas os tiras da PM apareceram no local para estragar o plano do maluco e ele teve que aproveitar para conferir se os produtos estavam funcionando bem. Ele meteu bala na polícia, mas gelou quando os cops começaram a revidar. Ele se entregou e agora está bem fofinho lá no xilindró do 1º DIP.

## BALA NO BUCHO

Rarison Pio de Araújo, 21, estava sedento por sangue e queria matar um miguxo dele, que ele meteu um balaço na barriga do rapaz. O problema é que ele acabou foi preso, na noite de terça-feira. Tiras da 15ª Companhia Interativa Comunitária (15ª Cicom) foram acionados pela comunidade, que viu ele largando bala no coleguinha, e o prenderam na Rua 13-A, Quadra 18, no Nova Cidade. A bronca aconteceu na Rua Maracaibo, mesmo bairro onde o bichinho foi preso. Ele ainda tentou fugir e dizer que não foi ele que queria matar o rapaz, mas acabou sendo levado ao 15º Distrito Integrado de Polícia (15º DIP).

## CARREIRA INTERROMPIDA

Um galerito de 17 anos, conhecido como o 'Miado' foi preso, ontem pela manhã, no bairro do Mauzinho, logicamente na Zona Leste. Miado é conhecido da polícia e já roubou vários mercadinhos, com sua rapaziada jovem, e já assaltou dois ônibus. O bichinho é fera na criminalidade e estava já bastante ocupado, assaltando todos os dias, quando teve sua carreira interrompida. Ontem, quando resolveu entrar na escola com um revólver Magno 357, foi caguetado. Os tiras apareceram e o pegaram de jeito. O bichinho, coitadinho, foi direto para a Delegacia Especializada em Apuração de Atos Infracionais (Deaai), no Alvorada, Zona Centro-Oeste.

## ABANDONADO PELOS MIGUXOS

Um moleque inteligentíssimo e com um futuro promissor, de 13 anos, ficou preso nas ferragens de um Kadet, na tarde de ontem, depois que ele e



seus miguxos, decidiram apostar um 'Pega' com outros desocupados na avenida Kako Caminha, no São Jorge, zona oeste. O Kadet prata de placa JXM-4720, voou e caiu lá embaixo, capotou e quase perto do igarapé. Segundo testemunhas, um Celta de placa JWM-7135, estava envolvido na bronca. Os muy amigos do moleque fugiram para não se complicar com a lei e deixaram o bichinho preso nas ferragens, todo lascado. De acordo com o cabo, o dono do Celta foi identificado como Ederson dos Santos Viana. O moleque foi socorrido pelo Samu e encaminhado a um SPA não divulgado pela polícia.

### CASAL SUPERFOFO É PRESO POR ASSALTO

O casal mais fofo de Manaus: o ex-presidiários Rafael de Melo Freitas, 21, e a desocupada Luana Mendonça Maciel, 18, foi preso, ontem, depois de ter assaltado uma drogaria, na avenida Brigadeiro Hilário Gurjão, no Jorge Teixeira, Zona Leste. Com eles foram apreendidos o celular de uma vítima e um revólver calibre 38. O plano desse belo casal de sucesso na vida, só deu errado, porque eles confiaram no sistema clandestino de transporte coletivo da Zona Leste. Eles assaltaram e, em seguida, pegaram um mototáxi, para fugir. Como o mototaxista não estava combinado com eles, ele parou na primeira viatura que viu e os dois foram presos. Tadinho dos bichinhos, os dois foram em cana no 14º DIP, mas infelizmente cada um seguirá para uma penitenciária diferente. Será o fim deste louco amor?

## GUEGUETE TRAUMATIZANTE

Quando um distinto casal morador do bairro de Flores, zona Centro-Sul de Manaus contratou a belíssima empregada doméstica Maria Nágila Aquino, 18, como gueguete e babá de seu filhinho de um ano e seis meses, não imaginava que grandíssima filha da p... ela era. Maria não só passou o rodo nos bens dos patrões como celulares, computador e roupas, como trancou o bebê dentro do guarda-roupa e fugiu. O casal resgatou a criança aos prantos, que de quebra adquiriu uma claustrofobia que irá carregar para o resto da vida graças a nossa querida Maria. Ontem, no entanto, quando ela achava que estava tudo esquecido, já que esse rolo aconteceu em abril, ela teve a visita dos cops e foi em cana. Agora ela vai lá pro Compaj agitar com suas novas amigas.

## DIA SEM SORTE

Definitivamente ontem não era o dia do empresário Orestes Bonates, 55, porque além de ter a casa assaltada, morreu em um acidente tudo em questão de minutos. Tudo começou quando seis homens invadiram o sítio dele no quilômetro 74 da Rodovia Manoel Urbano, no município de Manacapuru (a 68 km a oeste de Manaus) e fizeram 20 pessoas reféns. Ele tentou perseguir os pilantras, em altíssima velocidade, que fugiam em dois carros, após fazer a limpa na propriedade, mas no meio do carminho, a caminhonete L-200 que ele usava, capotou e ele acabou morrendo sem conseguir por as mãos nos

pilantras. No sítio de Orestes era produzida polpa de maracujá. Não há confirmação do que foi levado do local pelos bandidos.

### BALAÇO NA CABEÇA

O intrépido Andrew Cruz da Silva, o 'Sangue', 20, estava rindo muito, todo serelepe e cheio de gaiatices, mas terminou a madrugada de ontem sendo assassinado com um balaço na cabeça, que espocou foi tudo. Pedacos de cérebro voaram para todo lado. O crime ocorreu por volta das 4h20 de ontem, no pacífico Beco São Luis, na Compensa 2, na Zona Oeste. A família dele garante que ele era gente boa da melhor qualidade e que o rapaz foi morto por engano. Os pilantras fugiram do local e deram o recado para a galera, para que não contassem nada aos tiras. O caso está sendo investigado pela bem aparelhada Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS).

### MOTOTAXISTAS JUSTICEIROS

Depois de fumar muita pasta-base de cocaína, o desocupado e pilantra Lúcio Leno Santos Rabelo, 26, sentiu um tesão insuportável e precisou estuprar, armado com uma faca, uma adolescente de 16 anos. A bronca aconteceu na rua Flantes, no bairro Nova Cidade, na nossa bela Zona Norte. A moça não deu uma de lesa e largou uma madeirada na cabeça do safado. Quando tentou persegui-la, ela acionou um grupo de mototaxistas que já chegou radicalizando com o peão. Ele pegou todas as porradas que conseguiu aguentar e foi entregue para os cops. Ainda arretado, Lúcio vociferou palavrões muito feios para os tiras e acabou nem sendo ouvido ontem. O delegado do 15º Distrito Integrado de Polícia (15º DIP), deixou ele no xilindró para se acalmar um pouco.

### **Casamento entediante**

Ao ver que seu casamento estava ficando muito entediante, monótono, o desempregado Valdir Menezes da Rocha, 29, resolveu quebrar o gelo da relação, mas de uma forma mais interessante, ao invés de levá-la em um encontro de casais de igrejas que são muito chatos e não envolvem bebidas alcoólicas, ele resolveu encher a cara e arrebentar a amada na porrada. A dona de casa Raymara Góes dos Santos, 25, ficou com a cara toda espocada. O bizarro fato ocorreu na noite de ontem, no bairro Francisca Mendes, zona Norte. Os dois vivem brigando e toda vez Raymara aparecia com novas escoriações e hematomas. Dessa vez, ela foi direto pro João Lúcio e após pegar alta, ela parece que não gostou e denunciou o belo exemplar de macho que tem em casa. Ele saiu fora, porque não é besta.

### **Cerveja, estupro e cerveja**

Emerson Veras Cruz, 33, é um daqueles caras desencanados que não deixa pra fazer amanhã o que pode fazer hoje. Ontem, por exemplo, foi mais um dia desses bem aproveitados por ele. Resolveu fazer tudo o que lhe viesse na cabeça, sem se importar com as consequências. Quando ia para um bar, tomar a sua cerveja da tarde, ele deparou-se com uma adolescente de 14 anos (que ia para a escola) bem apessoada e muito atraente e decidiu fazer amor com ela. Como ela sequer havia olhado para cara dele, ele resolveu agarrá-la, arrastá-la para sua casa e estuprá-la, apaixonadamente. O fato aconteceu na Rua Z, Alvorada 1. Depois de suar bastante e ejacular em cima da menina, Emerson continuou o que ia fazer e foi tomar a sua cervejinha, estupidamente gelada. Ele só não contava era que a menina o denunciou e acionou os policiais da 10ª Cicom. Ele foi preso.

## O ATAQUE DO BOZO

Depois de fumar o seu tradicionalíssimo melado e tomar aquela cachacinha da marca mais vagabunda possível o auxiliar de pedreiro, Denison Silveira Lopes, 19, ficou achando que sua vida, até então tranqüila, precisava de uma guinada, tipo assim, ser preso e pegar porrada. Com o objetivo em mente, ele saiu querendo arranjar confusão em um boteco fedorento, no bairro do Mutirão, zona Leste, mas o tiro saiu pela culatra. Ele não foi preso, mas acabou pegando logo uma facada no meio do bucho. O autor da facada foi identificado como `Bozo`, que não quis esperar a polícia, porque estava atrasado para outro compromisso e fugiu. Denis foi direto para o João Lúcio zona Leste.